

## **“O Chefe Nacional está sempre entre nós”: imagens de Plínio Salgado nas publicações da Província Integralista Fluminense. \***

**Pedro Ernesto Fagundes**

Doutor em História Social (UFRJ).

Prof. do Centro Universitário São Camilo – ES

Profl. Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim – ES.

### **Resumo:**

O objetivo do trabalho é analisar a atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB) no estado do Rio de Janeiro. Entre os anos de 1932-1937, os integralistas conseguiram organizar núcleos em quase todas as regiões do país e atrair para suas fileiras milhares de adeptos. Em sua trajetória os “camisas-verdes” fluminenses criaram órgãos de imprensa. Nesse artigo analisaremos as imagens fotográficas das revistas Falena e Sigma.

**Palavras-chave:** Integralismo; Imagens fotográficas; História Política.

### **Abstract:**

The aim of this work is to analyze the performance of the political party named Brazilian Integralist Action in the state of Rio de Janeiro. During the years of 1932-1937, the integralists managed to form groups in almost all the regions of the country, and attract millions of supporters. In its course of action, the “green-shirts” from Rio de Janeiro created press agencies. In this paper we will analyze of photographic images the journals Falena and Sigma.

**Key words:** Integralism; photographic images; Political history.

---

\* Esse texto é parte da tese de doutorado intitulada “A Ofensiva verde: a Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro (1933-1937)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ) sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Fico.

Idealizada pelo escritor e jornalista Plínio Salgado – seu líder máximo – a Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu a partir da unificação de inúmeros movimentos, organizações e partidos da extrema direita que se fundiram em 1932. Os “camisas-verdes”, como eram conhecidos os militantes integralistas, conseguiram entre 1932 e 1937 organizar núcleos em quase todas as regiões do país.

No estado do Rio de Janeiro as primeiras atividades dos integralistas datam nos meses iniciais de 1933.<sup>1</sup> Entre as primeiras tarefas dos dirigentes da chamada “Província Integralista do Rio de Janeiro” estava a organização de núcleos municipais. Como estratégia para ampliar o número de adeptos para o partido foram organizadas caravanas, “bandeiras”, desfiles, conferências, enfim, um conjunto de atividades que visavam ampliar a quantidade de núcleos municipais no estado do RJ.

Segundo os documentos oficiais da AIB todas as sedes de núcleos organizados no país deveriam seguir o mesmo padrão. Isso porque para os integralistas a função de suas sedes era bem mais ampla que representar apenas um mero local para encontros e reuniões. Sua finalidade era quase sacra, pois em torno deste espaço eram realizados rituais e cerimônias de extrema importância. Segundo os estatutos da AIB, a cerimônia em que o novo militante realizava seu juramento de fidelidade antes de ser aceito como membro efetivo da organização deveria ser realizada exatamente em frente à sede do núcleo local.

Dentro do ponto de vista simbólico a construção de uma série de signos no interior das sedes dos núcleos da AIB tinha como objetivo reafirmar os pontos centrais da doutrina integralista. A presença das bandeiras, dos cartazes e das palavras de ordem eram peças secundárias no palco das representações políticas dos camisas-verdes. Contudo, o elemento que se destacava no cenário simbólico da sede do núcleo campista era: o retrato do chefe nacional.

Para os “camisas-verdes” a figura do chefe nacional era a viga mestra que sustentava todo o movimento. A obediência e a submissão à figura do chefe se tornaram mais acentuadas a partir do I Congresso Integralista de Vitória, que reafirmou que a hierarquia seria um elemento insubstituível para a existência da AIB. Conforme salientavam os estatutos, o personagem central da organização passou a ser o chefe nacional. Foi exatamente neste evento que Plínio Salgado foi aclamado líder supremo dos “soldados de Deus”. (TRINDADE,1974).

---

<sup>1</sup> Nessa época o estado do Rio de Janeiro compreendia todas as cidades do atual estado fluminense, exceto a cidade do Rio de Janeiro, então distrito federal.



Sede do núcleo campista da AIB. Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.  
Fundo: Polícia Política. Dossiê: Integralismo.

Dessa forma, no topo da estrutura da AIB estava a figura do chefe nacional. Para o conjunto dos militantes, Plínio Salgado passou a assumir uma posição especial e única. Todas as atividades passaram a orbitar em torno do seu chefe como elemento unificador desta corrente política. Esta passou a ser uma característica basilar dos "camisas-verdes", demarcando seu perfil organizativo. Assim, o culto à personalidade, a divinização do líder e a noção de infabilidade do chefe nacional se constituíram nos traços mais marcantes do integralismo.

O papel de relevo assumido na qualidade de chefe nacional permitia que Plínio Salgado não apenas gozasse do poder de opinar sobre todas as questões ligadas a AIB, como também garantia que ele seria o elemento que deveria dar a palavra final em qualquer situação de impasse ou divergência.

O estatuto aprovado no congresso de 1934 definiu que a sede nacional do movimento estaria onde estivesse o chefe, ou seja, para os "camisas-verdes" a primazia do seu chefe era incontestável e indiscutível, bem como não caberia qualquer tipo de recurso ou apelo em relação às suas ordens e decisões.

O posto de chefe era perpétuo e sua figura era considerada onipresente e, por mais incrível que possa parecer, intangível. A imprensa e as publicações integralistas tinham a missão de reforçar essa posição de Plínio Salgado, apresentando sua imagem carregada de signos religiosos ou nacionalistas.

Dessa forma, havia uma padronização em relação às sedes dos núcleos que determinava que uma fotografia de Plínio Salgado – sempre de uniforme e de olhar fixo – deveria ocupar um espaço destacado no recinto. A intenção era que todos tivessem a sensação de estarem sendo observadas pelo líder da AIB durante as concentrações e reuniões.

A presença de um retrato do chefe nacional pode ser observada na fotografia da sede do núcleo integralista da cidade de Campos dos Goytacazes – região norte do estado do Rio de Janeiro. Na imagem em questão pode-se verificar que na prática as deliberações da direção nacional da AIB eram fielmente acatadas nas bases do partido. Na sede do núcleo campista a figura do chefe nacional está localizada no ponto central da sala, entre as bandeiras do Brasil e da AIB. Na foto Plínio Salgado aparece com seu uniforme e com uma postura extremamente formal

Entretanto, a utilização de imagens do chefe nacional não se restringiu apenas as sedes dos núcleos. Outra importante ferramenta empregada para divulgar fotografias de Plínio Salgado foi através da imprensa da AIB. Para cumprir essa tarefa da melhor maneira, além das publicações de circulação nacional, os núcleos regionais e os municipais passaram a editar uma ampla variedade de órgãos informativos locais. (CAVALARI, 1999).

Os dirigentes da “Província integralista fluminense” procuraram implementar uma rede de informativos. Basta constatar que chegaram a circular no estado inúmeras publicações ligadas aos “camisas-verdes”. Núcleos municipais de quase todas as regiões integralistas fluminenses tomaram a iniciativa de editar algum tipo de informativo para divulgar as suas atividades.

Entre esse conjunto de periódicos dos “camisas-verdes”, para esse trabalho, gostaríamos de destacar duas publicações que julgamos ser extremamente significativas em relação aos órgãos de informação que foram editados no estado, são elas: a revista *Falena* (Campos dos Goytacazes) e a revista *Sigma* (Niterói).

A revista *Falena* estava ligada aos integralistas do núcleo municipal de Campos. O curioso em relação a essa publicação foi o fato dela ter sido lançada ainda no primeiro semestre de 1935 como uma revista de caráter literário. Sua finalidade seria reunir em suas páginas artigos, contos, crônicas e poemas, ou seja, seu objetivo original era apenas divulgar a literatura. Ainda nessa fase, na galeria de seus idealizadores podemos citar, entre outros, Barreto Filho, Vitor Manhães, F. A. Balbi e Antonio Barreto. Todas essas pessoas atuavam na área das letras em Campos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>A sede da revista ficava na Rua 13 de Maio, ou seja, na região central da cidade. Sua impressão era feita em papel jornal, com o formato 26,5 x 18 e era utilizada, provavelmente, uma máquina impressora chamada *Linotipo*, ou

Contudo, a partir de janeiro de 1936, a revista passou por uma grande “metamorfose”, como podemos observar no belo desenho de uma “borboleta integralista” estampada na sua capa. Dessa forma, a partir de seu sétimo número, lançado em 15 de janeiro de 1936, a revista passou a ser utilizada como veículo de “comunicação do integralismo”.

A justificativa para a mudança de rumo da publicação foi apresentada no editorial intitulado “Mais vale tarde que nunca”. Assinado por Theodomiro Brum, um dos editores da revista, o texto apresenta um breve histórico da AIB, a partir da sua fundação e destaca o papel da organização na defesa do país contra a ameaça dos comunistas e na luta contra “as mãos ásperas desses políticos sem consciência”. Por fim, o editor escreve assumindo a responsabilidade pela associação da revista com o núcleo municipal dos “camisas-verdes”.



É importante ressaltar outro artigo publicado na página 8 – sem assinatura – que apresenta outras razões que motivaram a mudança na linha editorial da *Falena*. O texto afirma, entre outras coisas, que a partir desse número a revista iria se afastar do “diletantismo literário e das divagações infrutíferas” e passaria a se concentrar nos debates sobre “o problema nacional brasileiro”.

O artigo prossegue citando uma série de mazelas do mundo moderno, tais como, o ódio, a cólera, a hipocrisia, o mercantilismo e a melancolia. Para todos esses problemas era

---

seja, que permitia a publicação de textos e imagens fotográficas. No total, a edição pesquisada contava com 31 páginas, sendo que apenas, a capa era colorida. A periodicidade da publicação era irregular e a tiragem de sua sétima edição foi de 1.000 exemplares.

indicado que as pessoas buscassem sentimentos de serenidade e de reflexão. O objetivo de todos deveria ser o desenvolvimento dos “dotes espirituais” que contribuiriam para “elevação cultural e moral”.

Em setembro de 1937, pretendendo cumprir essa mesma finalidade, foi lançada pelos militantes do núcleo de Niterói uma revista chamada *Sigma*.<sup>3</sup> Inegavelmente essa edição teve um conteúdo e uma finalidade claramente eleitoral, pois o país estava em pleno processo de campanha presidencial. A publicação contava com uma equipe formada pelos seguintes componentes: Antonio da Cunha Motta (editor), Luiz Souza de Miranda (secretario) e Edmar de Figueiredo Orestes (gerente). Nessa primeira e, possivelmente, única edição, a revista teve a indisfarçável função de ser um verdadeiro “panfleto” pró-candidatura de Plínio Salgado.

Esse fato já ficou nítido no editorial da revista que apresentou um texto que, no mínimo, colocava Plínio Salgado numa posição sacra. Isso porque o texto ao referir-se ao chefe nacional simplesmente utilizava os termos “ELLE e NELLE”, escritos assim em maiúsculo para se referir ao líder máximo dos integralistas. O editorial afirma, entre outras coisas, que “ELLE é a alma de uma geração, ELLE e a imagem do chefe. ELLE é a coragem. É a fé. É a renúncia. É o sacrifício”.<sup>4</sup>



FONTE: Revista *Sigma*, número 1, 1937. Arquivo Público de Rio Claro – SP.

<sup>3</sup> Esse primeiro e talvez único número da revista, contou com uma edição de 36 páginas impressas em preto e branco, exceto a capa que era verde. A revista *Sigma* tinha um formato padrão com 26 cm de altura e 17,5 de largura. Sua redação ficava na rua Visconde de Rio Branco, n 337, sala 5 do edifício Odeon.

<sup>4</sup> Revista *Sigma*, número 1, 1937. Arquivo Público de Rio Claro – SP.

O tom apologético continua ao longo do texto, voltado nitidamente para enaltecer a figura do chefe/candidato. Nas outras matérias da revista são apresentados relatos sobre a memória e a trajetória da AIB no estado e, sobretudo, na cidade de Niterói. No restante da revista as matérias, em sua maioria sem assinatura, seguem a tônica geral das outras publicações regionais da AIB: apresentar textos, mensagens e imagens produzidas pelos órgãos nacionais da “imprensa-verde”. Contudo, nas duas publicações analisadas (*Falena* e *Sigma*) uma questão se destaca: a reprodução de fotográficas de Plínio Salgado.

A utilização das fontes fotográficas tem despertado, nos últimos anos, um grande interesse nos meios acadêmicos. Pretendemos contextualizar a produção da fotografia como algo semelhante à produção de um texto. Analisar, assim, o estoque de signos presentes nas fotografias, consiste em observar que alguns desses signos estariam nos gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos especiais, enfim, cada fotografia estaria repleta de certos significados pertencentes a uma determinada prática social inserida em determinado contexto histórico. (MAUAD e VAINFAS; 1997).

Como já afirmamos, nas revistas publicadas na “Província fluminense”, apesar das duas terem sido lançadas em cidades e épocas diferentes uma questão permanece inalterada: a farta utilização de imagens do chefe nacional. Na revista *Sigma* de Niterói a própria capa era a reprodução de uma imagem do chefe nacional. Quase como uma efígie, a imagem de Plínio Salgado de perfil dominava a capa da publicação.

Na *Falena*, apesar de não estar na capa, a imagem de Salgado ocupava um espaço privilegiado na página cinco. Nessa publicação a fotografia era em preto-e-branco e media 13,5 x 8,5, claramente tratava-se de uma foto posada que pode ter sido produzida em algum estúdio profissional. Esse detalhe é facilmente perceptível pelo fato do olhar de Salgado estar firme e mirando algum ponto a sua frente. Outro importante detalhe é que apesar de fisicamente ser franzino e de baixa estatura – o fato de estar de braços cruzados transmite a impressão de grandeza e força ao líder dos integralistas.

Essa prática de difundir imagens monumentais de líderes políticos foi algo amplamente empregado entre as mais diferentes organizações de caráter partidário durante o século XX. Em vários outros regimes políticos – a Alemanha de Hitler foi o melhor exemplo – nas fotografias os chefes políticos, frequentemente, vestem uniformes e estão em poses triunfantes. Dessa forma, até mesmo as imagens foram utilizadas para estreitar as relações entre a “massa” e o líder. Mesmo que para isso imagens fossem retocadas para que os líderes parecessem maiores. (BURKE; 2004).

Outra importante observação em relação a utilização das imagens era que nessas fotografias ou quadros o dirigente retratado aparecia sozinho. Esse fato, obviamente intencional, permitia que se realizassem os devidos retoques para que nenhuma particularidade física atrapalhasse ou deturpasse a visão que deveria ser construída no imaginário da população: a noção de perfeição e infabilidade em torno da figura do chefe. Nos casos das fotografias analisadas essa percepção é algo nítido.

No caso da fotografia de Plínio Salgado na revista *Falena*, a legenda da imagem justifica sua inserção por um motivo simples: prestar uma homenagem ao aniversário do chefe nacional. A mensagem prossegue na mesma linha de culto à personalidade de todas as outras, ou seja, o chefe do partido era apresentado como “expressão singular das virtudes morais e espirituais da raça”,<sup>5</sup> além disso, seria ao mesmo tempo “intérprete mediúnico da angústia nacional”.<sup>6</sup>



FONTE: Revista *Falena*, janeiro de 1936.

As considerações em torno das incontáveis qualidades do líder do partido continuam em tom cada vez mais exagerado. Os “camisas-verdes” do núcleo municipal de Campos, que assinam a nota, chegaram ao cúmulo de pedir que “Deus conserve indefinidamente a vida do grande condutor de almas”. Dessa forma, para os membros da AIB, a tarefa do “condutor de almas” exigiria que Plínio Salgado vivesse eternamente. Assim, o “imortal” Chefe Nacional

<sup>5</sup> *Falena*, número 7, pág. 5, 1936.

<sup>6</sup> Idem.

seria o responsável por manter “cada vez mais pura, luminosa e intangível a idéia integralista”.

Evidentemente, tendo em vista a conjuntura da época, os integralistas construíram uma ampla estrutura de meios de comunicação – em nível nacional e regional. As atividades do partido passaram a ter como prioridade uma finalidade mais prática, em outras palavras, garimpar votos para seus candidatos, sobretudo visando a disputa presidencial de 1938, na qual Plínio Salgado tentou sua manobra política mais ousada: conquistar a presidência da República.

A análise das imagens que circularem nessas publicações permite constatar que os integralistas utilizaram o culto a personalidade do chefe nacional, através da divulgação de imagens de Plínio Salgado em seus órgãos de comunicação de massa, com o objetivo de conquistar o poder político. Essa tática foi amplamente utilizada por outras organizações políticas que existiram na época, sobretudo na Alemanha e na Itália.

Os regimes políticos instaurados, sobretudo na Itália (Fascismo) e na Alemanha (Nazismo), empenharam-se em explorar ao máximo esse fenômeno. Os governos de ambos os países montaram todo um aparato estatal que passou a ter a incumbência de planejar, organizar e executar os projetos de propaganda política. A idéia central era despertar, emocionar e, principalmente, mobilizar milhares de militantes e, simultaneamente, conquistar novos adeptos para suas causas.

Na Alemanha, sob a égide da suástica, o rádio passou a ser utilizado como um valioso instrumento na tarefa de difundir as propostas, atrair novos seguidores e fazer propaganda política do governo chefiado por Adolf Hitler. Nesse processo de massificação da propaganda de caráter partidário, sem dúvidas, os nazistas souberam utilizar esse veículo de comunicação para ampliarem o raio de alcance de sua propaganda política, haja vista, que um dos primeiros ministérios criados pelo regime do Nacional-socialismo foi exatamente o Ministério da Informação Popular e Propaganda. (CAPELATO, 1999).

Já na Itália fascista, apesar de também utilizar o rádio como instrumento de propaganda política, o jornal tornou-se o canal através do qual o regime transmitia às massas as linhas de sua política interna. Aliás, o *Duce* Benito Mussolini,<sup>7</sup> antes de fundar as primeiras células do fascismo, trabalhou como editor de jornais de tendência de esquerda na Itália. Nesse país também houve uma ampla utilização de instrumentos de propaganda política, tais como panfletos, jornais, livros, cartazes, etc.

---

<sup>7</sup> Sabe-se que Plínio Salgado, pouco antes de fundar a AIB, visitou a Itália e esteve pessoalmente como Mussolini. Provavelmente, a experiência de propaganda política empregado pelo fascismo italiano serviu de inspiração para o movimento integralista.

Em nosso país a utilização de tais ferramentas com finalidade de arregimentação política teve suas primeiras manifestações no início da década de 1930, mais precisamente durante a administração de Pedro Ernesto Batista,<sup>8</sup> então no cargo de interventor do Distrito Federal. Durante sua administração o interventor teria utilizado o rádio e os jornais para divulgar sua imagem popular de médico bondoso e solidário com os mais carentes. (GOMES, 1994).

No que diz respeito à AIB e à utilização dos meios de comunicação de massa para realizar propaganda política é importante ressaltar que essa agremiação procurou adequar-se a esse fenômeno político e, portanto, utilizar seus jornais, revistas, pronunciamentos no rádio e, principalmente, imagens de Plínio Salgado como instrumentos de para arregimentar novos filiados e conquistar votos nas disputas eleitorais. Entre inúmeros elementos que permitem realçar a singularidade da AIB no cenário político brasileiro da época um ponto assume destaque: a utilização de imagens fotográficas de seu chefe nacional como propaganda política.

---

<sup>8</sup> Em nenhum momento estamos fazendo qualquer paralelo entre Pedro Ernesto Batista e os líderes nazi-fascistas.

Referências Bibliográficas:

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAPELATO, Maria H. R. **Multidões em cena**. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1999.

CAVALARI, Rosa M. F. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1994.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. História e imagem: os exemplos da fotografia e cinema. IN: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 1930. São Paulo: co-edições: UFRGS e Difel, 1974.